

A rendosa indústria dos boatos

LOBOS E CORDEIROS

Na raiz de todo boato, mal ou bem-sucedido, ficção ou realidade, há a vontade de fazer fortuna rapidamente. O desejo de, suplantando o concorrente mal-informado, passar-lhe a perna. O boato é, muitas vezes, confundido com a "dica quente", uma informação privilegiada à qual só têm acesso uns poucos eleitos. Na época em que o atual constituinte Delfim Netto era o superministro do Planejamento o boato tinha dia marcado para acontecer. Invariavelmente às quintas-feiras, a central única de boatos tratava de espalhar algum tipo de rumor inverídico, mas sempre com um pé na realidade, destinado a pegar os incautos.

O superministro apelidou tais boateiros de "os lobos das quintas-feiras". Lobos porque uivam a distância e arquitetam armadilhas irresistíveis aos cordeiros. Eles agiam às quintas-feiras porque, após realizarem os lucros proporcionados pelos boatos, podiam, na sexta, ficar confortavelmente ancorados em aplicações mais estáveis, como o overnight. Os boatos da época eram mais requintados. Exemplo: como as minidesvalorizações cambiais eram semanais, às sextas-feiras, os coiotes difundiam na quinta-feira que a míni do dia seguinte seria maior que as anteriores. A "informação" provocava frisson em todo o mercado, com súbita valorização das antigas ORTN cambiais.

Hoje os tempos são outros, e aquele boato parece excessivamente cândido, sem o poder de atizar nem o mais neófito dos operadores. Atualmente, a lista de boatos engorda a cada dia. Na semana passada, parodiando Delfim Netto, o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, disse que os boatos "fazem a alegria dos especuladores das quintas-feiras". O ministro não deve estar prestando muita atenção aos briefings dos operadores de ouro do Banco Central — que são uma espécie de caixa de ressonância dos boatos junto ao governo. Caso estivesse, notaria que os boatos não são peculiaridade exclusiva das quintas-feiras. São raros os dias sem nenhum boato. Mesmo na modorrenta sexta-feira, como aconteceu anteontem, eles costumam aparecer.

Há uma enorme diferença entre o zunzunzum de mercado e a informação realmente quente. No primeiro caso, em cinco minutos, todos ficam sabendo. No segundo, ela é mantida como verdadeiro segredo de Estado. Foi assim no Plano Cruzado, que "vazou" dois dias antes do 28 de fevereiro de 1986, mas o mercado de nada suspeitou porque o vazamento não virou boato — mas por milagre. É que privilegiadas instituições repassaram a informação para clientes especiais mas eles não acreditaram. O dono de uma delas lembra da antiga fábula do pastor que sempre anunciava aos berros a chegada do lobo. Todos acreditaram na primeira e na segunda vez. Na terceira, já com o lobo abocanhando a ovelha, ninguém deu ouvidos. Assim, por via das dúvidas, hoje em dia, ninguém descrente totalmente da possibilidade de um choque. Cautela de que se aproveitam os pastores de pregão. Na terça-feira passada eles voltaram a gritar: "Olha o lobo, olha o lobo...".